



O TRAUMA E A FERIDA EM *NO TELEPHONE TO HEAVEN* DE MICHELLE CLIFF

Márcia Cristine Agustini¹

No romance *No telephone to heaven* da escritora caribenha Michelle Cliff, a metáfora da ferida aparece ligada aos traumas produzidos pelo processo colonizatório. Clare, a personagem principal, é o resultado de processos de mestiçagem – físicos e culturais. Essa característica a coloca na contra-mão da apregoada ‘unidade’ e ‘pureza’ imperialista de que nos fala Silviano Santiago. A identificação de Clare com a ‘ferida aberta’ no tornozelo de seu namorado nos remete a uma associação entre o discurso colonial europeu de superioridade racial e o trauma produzido pelo mesmo. A questão que nos propomos investigar refere-se às relações entre a ferida e o trauma da colonização, principalmente em relação ao racismo. Uma investigação da construção da ferida na literatura caribenha pode nos ajudar a compreender melhor a personificação do trauma nos corpos racializados do Caribe. Ao lidar com o trauma e propor um entendimento da ferida a partir do ponto de vista do dominado, o entre-lugar do discurso caribenho emerge. O entre-lugar deste discurso emerge exatamente em suas associações com a cultura dominante. Assim como Santiago propõe no capítulo 1 de seu livro, *Uma Literatura nos Trópicos*: “Vamos falar do espaço em que se articula hoje a admiração do rei Pirro² e de um provável processo de inversão de valores” (SANTIAGO, 2000, p. 11), neste artigo, vou falar da articulação deste espaço através da personagem Clare de *No Telephone to Heaven*.

Para entendermos como elementos literários e históricos estão atrelados neste romance iniciarei trazendo uma pequena introdução sobre a literatura Caribenha em geral, para então analisarmos a ferida no texto *No telephone to heaven* de Michelle Cliff. Este romance; e as proposições que ele apresenta, traz elementos comuns à literatura Caribenha. É, portanto, proveitoso entendermos que o tema do trauma se encaixa em uma tradição literária, na qual o racismo e suas conseqüências na psique de um povo são explorados.

Segundo Jahan Ramazani, a configuração deste ‘trauma’ aparece com freqüência na literatura negra caribenha assim como na literatura do terceiro mundo em geral (RAMAZANI, 1997). Em *No telephone to heaven*, este tema reaparece de diferentes formas, sendo uma delas a ferida – metaforicamente ligada à identidade destas nações – invadidas e colonizadas. O trauma da

¹ Doutoranda – UFSC, CNPq.

² O “Rei Pirro” nesta frase refere-se à cultura européia.



colonização, que apresenta conseqüências visíveis até os dias de hoje (por exemplo, na situação de pobreza de muitas destas nações) apresenta também, talvez como elemento menos visível, o legado psicológico da escravidão e o racismo associado a ele. Estes elementos em conjunto criam(ram) uma marca cultural e econômica de inferioridade que perpassa diversos níveis destas comunidades. Este tema se faz presente na literatura e este debate se faz premente agora assim como foi no passado.

Uma das primeiras questões que se destacam na tentativa de relacionar história e literatura Caribenha advém da diversidade cultural e lingüística destes povos. Entender o Caribe e a sua literatura como um bloco cultural único e coeso não é uma possibilidade. Não somente a disposição geográfica – praticamente cada país diferente é uma ilha diferente – mas também a forma de colonização que esses espaços sofreram, impuseram línguas e costumes diversos entre eles. Um exemplo desta diversidade refere-se à língua. Neste diminuto espaço que é o Caribe se falam cinco línguas Europeias – espanhol, inglês, francês, alemão e português – além das línguas aborígenes e os dialetos locais (BENÍTEZ-ROJO, p. 2).

Apesar destas ressalvas, é, no entanto, possível identificar dois grandes temas nas literaturas destes países (KING, 1993). O primeiro a se destacar cronologicamente lida com a história e suas injustiças. Num segundo momento, há uma busca dos valores locais e da valorização das diferenças que existem entre as comunidades da região. No entanto, mesmo considerando as mudanças que ocorreram através dos tempos, a temática do trauma da colonização está ainda presente na maioria destes textos.

No primeiro grande tema, durante os anos 50, 60 e início dos anos 70, a literatura Caribenha voltava-se à África, uma busca as suas origens – “a casa espiritual” (KING, 1993, p. 144). Era uma busca de afirmação identitária, já que muitos destes textos são escritos na época da independência destes povos. O estudo de Rob Nixon (1987), por exemplo, destaca a abundante produção literária caribenha deste período em apropriações do texto Shakespeariano – *A Tempestade*. Entre eles destacam-se Aimé Césaire, *Une Tempete: D 'apres "la Tempete" de Shakespeare-Adaptation pour un theatre negre* (Martinica, 1969); Edward Braithwaite - *Islands* (Barbados, 1969) "Caliban"; George Lamming – *The Pleasures of Exile* (ensaio, Barbados, 1960) *Water with Berries* (1971). De acordo com Nixon, na literatura este movimento significa um foco sobre o direito a terra e autonomia cultural. Figuras alegóricas e metafóricas abundam neste momento invertendo valores associados aos personagens principais de *A Tempestade*. Prospero, o colonizador, é desbancado de



sua posição de homem reto e justo, enquanto que é reconhecido o direito à terra de Caliban, o colonizado.

No segundo grande tema, as diferenças entre as comunidades que existem na região são destaque. No entanto, mesmo quando a ferida não é figurada explicitamente, ela mantém a sua relevância através do contexto histórico. As questões domésticas e os problemas que os nativos criaram para eles mesmos se tornam centrais neste momento, mas os antigos temas continuam ressurgindo principalmente nas mãos de escritores caribenhos que moram fora do arquipélago. Isto acontece porque, enquanto que as divisões entre brancos e negros já não é destaque no interior destas ilhas, no exterior, essa divisão ainda tem um papel preponderante nas relações interpessoais (KING, 1993).

Entre os romances escritos nesta segunda fase, temos *No telephone to heaven*. Assim como em outros romances caribenhos, o trauma da colonização esta presente. Neste romance, a ferida aparece como um elemento metafórico. Ela é o estigma visível do racismo e da inferioridade cultural imposto a estas populações. Apesar deste estigma se apresentar de várias formas e em diferentes momentos desta obra, o objetivo deste artigo é analisar como a metáfora da ferida aparece e quais significados são construídos através dela. Para tanto, uma definição de metáfora se faz necessária. A definição de metáfora que seguimos neste trabalho advém de estudos culturais. Para o antropólogo James W. Fernandez, metáfora é uma “afirmação estratégica” de identidade que “leva à performance” [minha tradução] (New Dictionary of the History of Ideas). Assim, não existem significados literais e metafóricos, mas uma prática de construir significados. Resta-nos questionar, em *No telephone to heaven*, qual é o papel da ferida nesta afirmação estratégica de identidade? E qual performance ou ação concreta ela origina? Ou possibilita/pretende originar?

Como veremos mais adiante, os significados metafóricos da ferida apresentados no romance estão, na maioria das vezes, diretamente ligados às ações que a heroína do romance pratica. As ações de Clare são fruto de reflexão sobre os significados atribuídos principalmente á noção de pureza racial e inferioridade dos povos negros e mestiços. Esta reflexão e os significados pessoais que ela origina prontificam a ação. Através da narrativa, Clare questiona seu lugar no mundo e os significados atribuídos a cor de sua pele. Através desta personagem, o projeto de Cliff se alia parcialmente ao de Santiago:

A maior contribuição da América Latina para a cultura ocidental vem da destruição sistemática dos conceitos de unidade e de pureza: estes dois conceitos perdem o contorno exato de seu significado, perdem seu peso esmagador, seu sinal de superioridade cultural, à medida que o trabalho de contaminação dos latino-americanos se afirma, se mostra mais e mais eficaz (SANTIAGO, 2000, p. 16).



Ao dar voz ao elemento híbrido, Cliff questiona a noção de superioridade cultural. No entanto, Cliff parece sugerir que, antes de nos propormos a “destruir” a idéia de superioridade dos conceitos de unidade e de pureza no mundo ocidental – um projeto dirigido para fora – é preciso destruir estas idéias no interior da psique caribenha. O projeto de Cliff parece anterior ao de Santiago: reflexão introspectiva e só então ação – ação consciente de suas limitações impostas. Sem a superação do preconceito racial no interior destas culturas, o projeto de “contaminação” que nos fala Santiago, parece fadado ao fracasso.

A metáfora da ferida aparece no romance após várias situações nas quais o racismo se apresenta. Através da bildungsroman de Clare – uma jornada de aprendizagem – nos familiarizamos com algumas das dificuldades que uma mestiça enfrenta no exílio. Estas incluem não apenas experiências racistas, mas também um sentimento de pertencer “ao mesmo tempo a vários ‘lares’ – e assim a nenhum lar em particular” [minha tradução] (HALL, 1993, p. 362). Mestiça, mas de uma pele mais Clare que a de sua mãe, Clare é ensinada a aproximar-se de seu pai, cuja pele é mais semelhante à dela. É-lhe ensinado a negar suas origens, a absorver noções imperialistas de unidade racial e cultural e assim, negar a instabilidade do entre-lugar que ela ocupa.

Através do preconceito dos pais de Clare, percebemos a força da ideologia dominante. O branqueamento surge como um desejo comum a negros e mestiços Jamaicanos que vêem na cor da sua pele a marca de um estigma. A origem desta aversão remonta a tempos coloniais, quando as raças foram classificadas em termos de inferioridade e superioridade. Tejumola Olaniyan descreve a paisagem através da qual a subjetividade dos povos colonizados foi construída:

O projeto de reforma das mentes dos nativos, atribuindo-se a marca de negativo para tudo africano e positivo para tudo Europeu, foi projetado para ensinar aos africanos a desprezarem sua história e cultura e, portanto, eles próprios. O projeto era transmitir a eles, fazê-los aceitar livremente, um complexo de inferioridade que deseja perpetuamente se tornar europeu [minha tradução] (OLANIYAN, 2000, p. 273).

A trajetória de Clare descreve uma inquietude, um desejo de mudança destes parâmetros que ela compreende à medida que o romance se desenvolve. Esta compreensão vem através de mudanças – inicialmente apenas geográficas. O deslocamento físico é apresentado com o desenvolvimento da trama e a mudança de cenário que inclui três países diferentes – Jamaica, Estados Unidos e Inglaterra. Clare busca sua identidade, e, através desta busca, percebemos o peso da herança cultural dos colonizadores na subjetividade do colonizado, especialmente em termos raciais. O sentimento de amor e ódio relacionado à identidade racial negra demonstra o que este legado representa(ou) através dos séculos de dominação colonial.

Nos Estados Unidos, a família de Clare enfrenta dificuldades. A discriminação racial que sofrem faz com que Kitty, a mãe de Clare, volte pra Jamaica. Ela não agüenta tanta discriminação e



deixa a filha com o pai, Boy Savage, nos Estados Unidos. Boy, ao contrário de sua esposa, procura se adaptar à nova cultura, negando suas origens negras. Ao fazê-lo, também ensina sua filha a fazer o mesmo. Um exemplo de tal ensino acontece quando ele matricula Clare na escola. Na entrevista com o diretor, surge a questão do racismo. Questionado sobre raça de Clare, Boy responde embaraçado: “Branca,... é claro”³ (CLIFF, 1996, p. 98). Logo o racismo americano emerge nas palavras da diretora: “Eu não quero ser cruel, Sr. Savage, mas não temos espaço para mentiras em nosso sistema. Não temos lugar para meio termo” (CLIFF, 1996, p. 99).

Clare experimenta o racismo descrito por Fanon: “Era ao mesmo tempo responsável pelo meu corpo, responsável pela minha raça, pelos meus antepassados (Fanon, 1980, p. 124). Fanon continua: “Alguns ligavam-me aos meus antepassados, escravizados, linchados: decidi assumi-lo” (FANON, 1983, p. 124). Clare é julgada por toda uma raça, no entanto, a decisão de assumir a carga que este julgamento lhe propõe, só virá com o passar do tempo. Said sugere uma saída deste triste dilema: “desde que o exilado se recuse a ficar sentado à margem, afagando uma *ferida*, há coisas a aprender: ele deve cultivar uma subjetividade escrupulosa (não complacente ou intratável)” (SAID, 2003, p. 57, minha ênfase). A atitude inicial de Clare nem é sequer a de “afagar a ferida” mas de evitar pensar nela. E um dos passos tomados em relação à isso é a sua viagem para a Inglaterra. Lá, sem a presença do pai, ela procura não pensar nas questões que envolvem a cor de sua pele.

Na Inglaterra, Clare se isola em um pequeno apartamento. Destaca-se o sentimento de solidão: “Sem falar durante anos. Sem sentir muita coisa, exceto um vago terror por não pertencer a lugar nenhum” (CLIFF, 1996, p. 91). Um fato, porém, a desperta deste estado de transe. Acontece uma passeata em Londres, abaixo da janela do instituto onde Clare está tendo aulas. Os gritos dos manifestantes são agressivamente racistas e em suas mãos um cartaz anuncia: “Mantenham a Grã-Bretanha Branca” (CLIFF, 1996, p. 137). Clare finge ignorar a agressão que esta passeata representa para si mesma, mas este episódio a faz largar o instituto e viajar pela Europa com seu namorado Bobby. Ela, no entanto, se questiona, após sair de Londres: “Haverá um momento em sua vida, ela pergunta a seu amigo (Bobby) – meio séria– quanto partir não parecerá a conclusão provável de cada movimento seu?” (CLIFF, 1996, p. 144) Clare não se pergunta sobre o estado de inanição que vive, mas que se torna muito claro em relação ao seu namorado Bobby. É neste momento que Clare começa a “afagar a ferida” – literalmente e metaforicamente.

Bobby tem uma ferida em seu calcanhar que nunca sara. Clare fica fascinada pelo ferimento e tenta curá-lo de diversas formas, mas a ferida teima em reabrir. A ferida desperta sentimentos

³ As diversas citações do romance *No Telephone to Heaven* são todas traduções minhas.



contraditórios nela: “Atraída por ele como amiga; mais tarde, como amante. Mas também como protetora e curandeira. Ela sentiu sua melancolia privada e insignificante diminuir, frente à concretude de sua pele partida” (CLIFF, 1996, p. 145). Clare insiste em entender como Bobby se machucou, mas ele não lembra e isso não lhe parece realmente importante. Ele pergunta se realmente importa a origem da ferida, já que afinal de contas, “ela seria sempre dele – algo com o qual ele tem que aprender a conviver?” (CLIFF, 1996, p. 147)

O fato de a ferida estar ligada à ideia de racismo aparece claramente em uma conversa de Clare com Bobby. Clare admite que a ferida seja o que a conecta a ele. Bobby pergunta, na dúvida: “Você quer dizer realmente ferido, com um buraco de dez anos em meu pé, ou... ou porque eu sou negro?” Clare responde: “Eu quero dizer que você não é estrangeiro para mim.” Sua resposta não é direta, então Bobby insiste querendo saber o que ela quer dizer com aquilo. Clare tenta explicar: “Que parece que nós nos entendemos... por alguma razão” (CLIFF, 1996, p. 155).

A riqueza da linguagem metafórica relacionada à ferida de Bobby reaparece em outros momentos. Outra questão central é a associação entre o corpo ferido e a negação desta marca histórica. Com a insistência de Clare em curar sua ferida, Bobby finalmente chega à conclusão que isto nunca vai acontecer porque ele é um desertor. Ele conta à Clare que abandonou o exército americano sem permissão (CLIFF, 1996, p. 156). A associação entre deserção, a ferida aberta de Bobby e a atração que ela exerce sobre Clare parecem conduzir-nos à seguinte conclusão: a ferida aberta na alma dos povos colonizados não vai sarar, se, assim como Bobby and Clare, fugirmos da luta, do enfrentamento direto com o problema.

Através da relação de Clare com Bobby, percebemos que ela desperta gradualmente para a rejeição da teoria racial como aceita pelos seus próprios pais. Clare passa por diferentes fases neste processo de entender seu lugar no mundo. Ignorar a dor do racismo é uma estratégia que não a satisfaz mais. Ela começa a contemplar a ferida, a tentar entender o que ela significa para si. Esse entendimento vem através de muita dor. Em meio a este relacionamento doentio com Bobby, Clare anuncia que acredita estar grávida. A força do racismo imposto sobre a psique dos negros aparece claramente no discurso de Bobby sobre o bebê que eles teriam:

[...] é melhor pensar em aborto, querida. A menos que você queira um bebê negro sem olhos, sem boca, sem nariz, metade de um cérebro, com lábio leporino, sem as partes privadas, ou partes privadas duplicadas como uma porra de uma hiena, sem membros, ou membros retorcidos até não poderem ser reconhecidos, órgãos em lugares onde não deveriam estar, uma desarmonia do todo – qualquer uma ou todas essas características, ou essas características combinadas, é melhor você pensar novamente, querida (CLIFF, 1996, p. 156).

Bobby declara que não é uma questão de não querer assumir o bebê. Ele ficará com ela se ela decidir levar a gravidez adiante, mas ele alega que sua existência é um pesadelo que não deve



ser reproduzido. Nesse processo de negação da paternidade, percebemos também a importância do “branqueamento”. O projeto de ter filhos só valeria a pena em casos em que um branco estiver envolvido. Na fala de Bobby, o filho negro que nasceria deles dois seria um ser completamente monstruoso. Essa descrição, rica em detalhes, sugere o sentimento de inadequação destes indivíduos. O ideal do branqueamento cultivado nas sociedades coloniais em nome de uma aproximação da raça ideal europeu é descrito por Fanon: “agarro-me aos meus irmãos, pretos como eu. Horror, eles rejeitam-me. São quase brancos. E depois vão casar-se com uma Branca. Terão filhos ligeiramente morenos... Pouco a pouco, quem sabe, talvez...” (FANON, 1983, p. 128).

Com toda essa carga emocional, o resultado de sua gravidez é desastroso. Após ser abandonada por Bobby, Clare decide voltar à Jamaica, mas chega lá já doente. Uma infecção a faz perder o bebê e ficar estéril. A esterilidade de seu ventre sugere o vazio de sua alma: “Todo esse esforço por nada. [...] Olhos pra nada. Pele pra nada. Um belo nariz pra nada. *Mula* – provavelmente” (CLIFF, 1996, p. 169, minha ênfase). O uso da palavra “mula” aqui é bastante revelador. Clare acaba por assumir como verdadeiro (para ela, pelo menos) um dos preceitos da ideologia racista que identifica o cruzamento de “espécies humanas” diferentes como degradante. Assim, o cruzamento entre brancos e negros criariam o mulato: “termo derivado de mula, o animal híbrido, entre o cavalo e o burro, que não se reproduz” (PINTO, 2004, p. 3). Através de uma única palavra, Cliff nos revela a dificuldade que Clare tem em romper com noções dominantes relacionados à raça.

Após este episódio, Clare permanece na Jamaica e decide cultivar as terras abandonadas por sua avó. A experiência de reflexão sobre a sua condição de mestiça a leva a decisão estratégica de assumir uma identidade negra. O estado de contemplação de suas feridas internas é substituído pela ação concreta. Clare não só se propõe a cultivar as terras abandonadas, ela quer partilhar essa riqueza e para tanto ela se une a revolucionários jamaicanos. No entanto, apesar da decisão de se unir aos revolucionários, o projeto de ação de Clare e deste grupo não parece bem definido. Na cena final do romance, eles atacam o set de um filme americano que está sendo rodado na Jamaica. O desenrolar da ação sugere ódio e desorganização, pois, um exército⁴ aparece e acaba com a rebelião rapidamente, deixando para trás muitos mortos. Entre eles, está nossa heroína.

A cena funciona como uma metáfora para a presença da cultura dominante e persistente de colonizador na Jamaica e na mente do colonizado. Cliff parece sugerir que romper com a unidade do discurso imperialista da superioridade racial e cultural é um processo lento e doloroso que ainda

⁴ Não fica claro no romance se as tropas são jamaicanas ou americanas.



precisa ser revisto. O trágico desfecho deste processo no romance nos remete às dificuldades que o Caribe ainda enfrenta em relação à sua identidade. A “ferida” representa um momento de contemplação, que deve ser apreciado enquanto momento de maturação de ações de resistência, mas estas, ainda não estão claramente definidas enquanto projeto. O fato de que a ‘ferida’ de Bobby nunca ser curada assim como a tentativa infrutífera e catastrófica de atacar o set do filme americano nos mostram uma questão em aberto. Um projeto de reforma não é o que Michelle Cliff nos mostra, o que ela nos dá é um panorama geral de uma situação sem solução simples ou objetiva possível.

Podemos concluir, após essas reflexões, que o romance *No Telephone to Heaven*, ao lidar com o Outro marginalizado, e propondo uma (re)visão de conceitos postos pela cultura dominante, questiona os conceitos estabelecidos de superioridade cultural. As diferenças culturais entre os povos outrora dominados e o centro imperial se destacam nestas literaturas. A voz do dominado se liberta. O privilégio de falar, que era antes apenas da metrópole, abre espaço para o outro lado da história, e nesse processo, o ponto de vista se inverte. (ASHCROFT et al., 2007). Na trajetória de resistência da personagem Clare, o elemento histórico e racial estão imbricados de tal forma, que a construção de sua subjetividade se torna representativa de um povo – o povo jamaicano. O entrelugar da cultura caribenha produz(iu) as especificidades desta literatura, sendo seu elemento enriquecedor. Como nos informa Santiago:

“Em virtude do fato de que a América Latina não pode mais fechar suas portas à invasão estrangeira, não pode tampouco reencontrar sua condição de “paraíso”, de isolamento e de inocência, constata-se com cinismo que, sem essa contribuição, seu produto seria mera cópia – silêncio – [...]. Sua geografia deve ser uma geografia de assimilação e agressividade, de aprendizagem e de reação, de falsa obediência” (SANTIAGO, 2000, p. 16)

Assim como outras obras caribenhas citadas anteriormente, *No telephone to heaven* é considerado uma apropriação de *A Tempestade* de Shakespeare. Sua riqueza está no ponto de vista que ele apresenta. É recontando a história sob o ponto de vista do dominado que essas literaturas se estabelecem como originais e, mais do que isso, contestatórias. A resistência à ideologia dominante, através do canal literário, apresenta em *No telephone to heaven* o peso e o papel que a ferida – ainda aberta – da ideologia que estabeleceu os povos dominados (e a sua tez negra ou mestiça) como inferiores, ainda tem. Walcott (in RAMAZANI, 1987) nos alerta para o fato de que ‘feridas históricas’ não são privilégio dos povos explorados economicamente pela empresa colonizatória. No entanto, as especificidades deste momento histórico estão entre os elementos que produzem uma literatura rica e abundante. O ‘silêncio’ que Santiago menciona, é quebrado através de relatos que lidam com a experiência única destes povos.



Santiago teoriza o que Cliff transforma em romance. As colônias de outrora só podem tornar-se autônomas culturalmente através da mistura entre o elemento europeu e o elemento autóctone. Não é possível retornar a uma “condição de ‘paraíso’”, de cultura inicial. A noção de unidade européia é quebrada através da riqueza cultural que o Caribe, assim como a América Latina, apresentam ao ‘misturar’ as culturas. Ao apresentar uma personagem mestiça e seus conflitos, Cliff propõe uma revisão destes valores, embora não seja em nenhum momento solucionista.

Menos otimista que Santiago, Cliff propõe a construção de uma nova sociedade na qual a resposta ao discurso dominante é de primeiramente valorizar o elemento desvalorizado por este – o negro. Através da apropriação do valor imperialista de unidade racial, a cultura dominada poderia fortalecer-se como identidade e só então, buscar algum tipo de enfrentamento com a cultura dominante. A noção de que somos ‘mestiços’, assim como descrito por Santiago, recebe em Cliff uma resposta política. A influência externa se infiltra em nossos corpos e questiona nosso posicionamento em relação a ela. O entre-lugar em *No telephone to heaven* marca a diferença, partindo da noção de unidade branca e européia como superior e propondo releituras deste conceito. A noção de mestiçagem de Santiago retoma este debate, destacando o único papel possível para estas populações:

O renascimento colonialista engendra por sua vez uma nova sociedade, a dos mestiços, cuja principal característica é o fato de que a noção de unidade sofre reviravolta, é contaminada em favor de uma mistura sutil e complexa entre o elemento europeu e o elemento autóctone – uma espécie de infiltração progressiva efetuada pelo pensamento selvagem, ou seja, abertura do único caminho possível que poderia levar à descolonização (SANTIAGO, 2000, p. 15).

O ‘pensamento selvagem’ se manifesta em *No telephone to heaven* nas reflexões sobre a ferida. O papel desta na afirmação estratégica de identidade dos povos caribenhos funciona como um duplo alerta: a ferida é um elemento presente nestas sociedades, e ela não pode ser simplesmente ignorada. A contemplação funciona como reflexão sobre o tema, em relação ao qual é preciso agir. A resistência deve ser, no entanto consciente, para que a ação concreta originada por ela possa ser efetiva e não um mero ato de desespero, como a ação final do romance parece demonstrar. O processo descrito por Fanon em *White Skins, Black masks* de transformação da sujeição psicológica dos nativos em subjetividade é o caminho que Clare percorre. E é através deste caminho de descobrimento e afirmação do “eu” que a cultura caribenha se engrandece.

Bibliografia

ANZALDÚA, Glória. *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*. San Francisco. Aunt Lute Books, 1987.



- ASHCROFT, B. GRIFFITHS, G. TIFFIN, H. *Post-Colonial Studies: The Key Concepts*. London and New York: Routledge, 2007.
- ASHCROFT, B. GRIFFITHS, G. TIFFIN, H. *The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures*. London: Routledge, 1989.
- BENÍTEZ-ROJO, Antonio. *The Repeating Island: The Caribbean and the Postmodern Perspective*. Trans. James Maraniss. Durham and London: Duke University Press, 1992.
- CLIFF, Michelle. *No Telephone to Heaven*. New York: Plume, 1996.
- FANON, Franz. *Pele negra, máscara branca*. Tradução de Adriano Caldas. Rio de Janeiro: Fator, 1983.
- HALL, Stuart. *Culture, Community, Nation*. *Cultural Studies*, Volume 7, número 3, October 1993. P. 349 – 363.
- HOLLINGSWORTH, Cristopher. *New Dictionary of the History of Ideas*. 2005. Disponível em: <<http://www.encyclopedia.com/doc/1G2-3424300473.html>>. Acesso em: 17 Jun. 2010.
- KING, Bruce. *Caribbean Conundrum*. *Transition*, n. 62, 1993. Pp. 140-157.
- NIXON, Rob. *Caribbean and African Appropriations of "The Tempest"*. *Critical Inquiry*, v. 13, n. 3, Apr 1987. P. 557-578.
- OLANIYAN, Tejumola. Africa: Varied Colonial Legacies. In: *A Companion to Postcolonial Studies*, ed. Sangeeta Ray e Henry Scharwz. Oxford: Blackwell, 2000. P. 269-281.
- PINTO, Alberto Oliveira. O discurso da 'raça' em Angola: um obstáculo à construção da democracia? *Liberdade*. *Revista de Cultura e Contracultura*. Lisboa, nº 7, 2004: Anais Científicos da Universidade Independente. Lisboa, Estudos Cor. P. 1-18.
- RAMAZANI, Jahan. *The Wound of History: Walcott's Omeros and the Postcolonial Poetics of Affliction*. *Modern Language Association*, v. 112, n. 3, maio, 1997. P. 405-417.
- SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: Silviano Santiago. *Uma Literatura nos Trópicos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. P. 9-26.